

DF-Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

20 ABR 2002



TT CATALÃO

catalao@correioweb.com.br

Mais pilotos, menos planos

Brasília é suportável. Chato é aturar tanta explicação. Se a cidade fosse uma banalidade qualquer de festinha animada, ruas típicas, folclore barato ou mito de camelô, não despertaria tantas teses. Incomoda por ter um conceito. Pela diferença. É incômoda quando precisam aturá-la enquanto dura a conveniência de extrair dela alguma vantagem. Encanta se for simplesmente vivida e incorporada. O resto é blefe ou falta de assunto.

Nenhuma cidade, por si, faz a ventura ou a tragédia de alguém. Cidade é só grafia de pontos, contatos, convívios, vias, referências, políticas e serviços transitórios que mudam, viram, se adaptam, segundo o desejo ativo de quem nelas mora.

A chave de Brasília está na sua provocação. Nem tanto estética, projeto,

utopia histórica do Brasil socialista abortada, odisséia e afins paranormais. Brasília exige perda de referência: mantenha suas lembranças mas salte sem medo no desafio da insegurança que é a novidade de ser outro, mutante. Chega de saudade!

Nós desatamos nós. Faremos a cidade com a cara que tivermos. Decidimos se ali vai ser Rua da Igrejinha ou SMPVCX-43. Sopramos vida na narina de barro da criatura genial de JK, Lúcio, Oscar, Israel e o exército de mártires candangos que inseminaram aço, ferro, vidro e concreto com suor. Diremos sim aos crápulas e corruptos locais. Ou, não. Impediremos a atual devassa no que ainda resta da utopia. Ou retomaremos o sonho. Basta de choro pelos cantos e tanta impotência sentimental. A cidade nos quer sêmen. Voz, paixão, equilíbrio

ativo. Sábia herança de JK, filho do oráculo I-Ching: "Pisar no rabo do tigre enquanto ele dá voltas sem poder armar o bote". Em Pequim ou Quixeramobim estaremos bem ou mal se por dentro estivermos assim-assim. Culpar uma cidade pela crise existencial ou o baixo teor de tesão é escape. Angustiados estaremos — apesar da momentânea reciclagem — em Sobradinho ou Paris.

Para a cidade que nasceu de um traço, aquele abraço. Muitas trilhas e maiores armadilhas. Sempre em recomeço, cresce e acontece em quem nela permanece. Desafio(n)o permanente. Como é duro abandonar velhas cangas para aceitar um convite revolucionário e renascer! PS: estive esta semana fora de combate, mas volto, como Brasília sempre volta...